

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG: N°	14380
Data:	16 / 12 / 2010
☐ Compra ☒ Doação ☐ Permuta	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CAMPUS DE PONTES E LACERDA

OLIVA GIMENES

ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

PONTES E LACERDA – MT
JULHO/2010

37.014.22
G492a
ex.01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CAMPUS DE PONTES E LACERDA

OLIVA GIMENES

ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

Monografia apresentada ao Departamento de
Licenciatura Plena em Letras da UNEMAT -
Campus de Pontes e Lacerda, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciado em
Letras. Orientadora: Profª Drª Rosely Aparecida
Romanelli.

PONTES E LACERDA – MT
JULHO/2010

Aprovada em 22 de julho de 2010

Banca examinadora

Profª Drª Rosely Aparecida Romanelli. Orientadora

Profª. Ms Tereza de Pazos da Silva
Examinadora

Profª. Ms. Vanessa Fabíola S. Farias
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus pais, que não estão mais
comigo, mais sempre me acompanham em meu coração e
especialmente aos meus filhos, a quem dedico todo o meu amor.

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado
força e saúde para superar os obstáculos que não foram poucos no decorrer
do curso e poder atingir ao meu objetivo.

Agradeço a meu marido pela paciência e apoio nos
momentos difíceis.

Agradeço imensamente aos meus filhos Guilber
Henrique, Caroline e João Felipe Gimenes cruz pelo carinho e compreensão
pelas vezes que devido ao curso deixei a desejar no meu papel de mãe o
qual era sempre retribuído com um sorriso ou um beijo que me faziam
renovar as forças e seguir em frente.

Agradeço em especial a minha Orientadora Prof^a
D.^aRosely A. Romanelli uma pessoa maravilhosa que acreditou em mim e
exerceu o papel mais que uma orientadora, uma amiga que não me deixou
desanimar e nos momentos de angústia sempre me incentivou a continuar.

Agradeço a Leonice da Costa Nunes que no decorrer
do curso se tornou uma amiga muito especial demonstrando
companheirismo nos momentos mais difíceis.

E por fim agradeço a minha mãe por sempre
acreditar que eu era capaz de realizar esse sonho, realizado hoje.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho aborda questões relacionadas à alfabetização e leitura, com o intuito de entender como ocorre o processo de aquisição da linguagem escrita na escola pública. Dentre as várias questões discutidas neste trabalho, destinamos uma atenção especial em relação à metodologia utilizada pelos professores nesse processo de aprendizagem. Para realizar o trabalho de pesquisa foram coletados dados em uma escola pública da cidade com a finalidade de analisá-las e verificar quais os problemas mais recorrentes na alfabetização, e por que esses problemas acontecem. No trabalho também consta a questão do método tradicional, e como ele está arraigado ainda em nosso sistema de ensino, e qual a consequência disso na aprendizagem. Como apóio teórico para essa análise de dados, tomamos o Construtivismo como ponto de partida. Essa teoria admite que a criança já possui um conhecimento sobre a língua escrita, muito antes de ingressar na escola para a alfabetização formal. Baseando-se nessa teoria pode-se tentar compreender por que as maiorias das crianças conseguem decodificar as letras, mas não compreender o que está escrito.

PALAVRAS-CHAVES: Alfabetização _ leitura _ linguagem escrita _ aprendizagem _ construtivismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - ALFABETIZAÇÃO E LEITURA.....	11
CAPÍTULO II - RESENHA TEÓRICA.....	13
CAPÍTULO III - PESQUISA E ANÁLISE.....	19
3.1- PESQUISA.....	19
3.2- ANÁLISE DA PESQUISA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
BIBLIOGRAFIA.....	35
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como tema *Alfabetização e leitura*, com o objetivo de entender como ocorre a aquisição da língua escrita e de que forma as metodologias interferem nesse processo. A escolha do tema aconteceu de maneira interessante, foi como se o tema tivesse me escolhido e não ao contrário. A princípio não seria esse o meu tema, mas devido a um problema com um dos meus filhos justamente em relação à leitura, (observei que ele sabia decodificar perfeitamente as letras, porém não conseguia compreender o que estava escrito) isso me fez despertar para o tema. Eu não entendi por que acontecia isso. Se ele estava freqüentando normalmente a escola, não tinha nenhum problema de aprendizagem como relatado pela professora que o acompanhava, então por que meu filho não conseguia interpretar o texto lido? Foi quando tive interesse de escrever sobre esse tema, principalmente depois da professora dele me dizer que isso era problema da maioria dos alunos. Por esse motivo desejei compreender por que acontecia esse problema, onde se encontrava a falha que o impedia de ler de forma adequada. Após a escolha do tema, fui realizar uma pesquisa de campo, para coletar os dados necessários para compreensão dessas inquietações a respeito da alfabetização. A pesquisa se deu em uma escola pública da cidade, os dados foram obtidos através de questionário, e também em forma de entrevistas com professores de alfabetização.

Esta monografia se encontra dividida em três capítulos: no primeiro capítulo há uma descrição do tema dessa pesquisa *alfabetização e leitura*. Considerando a sua importância na vida da criança por ser o primeiro contato oficial dela com a língua escrita.

O segundo capítulo contém resenha teórica de alguns autores que utilizo em meu trabalho, que são Maria da Graça Azenha, J. Juvêncio Barbosa, Emília Ferreiro, Cancionila Cardoso. Azenha em seu livro "*Construtivismo De Piaget a Emília Ferreiro*" (1994), baseada nos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosk sobre a epistemologia genética de Piaget, discute a respeito da alfabetização, e tece críticas em relação ao método tradicional muito utilizado ainda hoje nas escolas. A autora descreve de que forma se desenvolve o trabalho de alfabetização em escola pública, discute os principais erros encontrados e aponta possíveis soluções para a melhoria nesse processo de alfabetização no decorrer de seu trabalho. Barbosa em *Alfabetização e Leitura* (1994)", retoma a história do ensino, como maneira de demonstrar a evolução da alfabetização. Para ele o conteúdo da alfabetização deve ser a língua escrita. Ele discute que o aluno de posse do conhecimento da relação entre o oral e o escrito, seja capaz de ler. Lembra que o processo de alfabetização é considerado como o período de instrumentalização em relação ao princípio fundamental do sistema alfabético, mas

não se limita a isso. O aprendiz deve aplicar adequadamente o domínio da técnica sobre a língua escrita e na prática de leitura, Ferreiro (2003) diz que as práticas convencionais nas escolas, fazem com que a expressão escrita se confunda com a possibilidade de se repetir fórmulas e práticas uma escrita fora de contexto, com frases estereotipadas. Cardoso (2008) na obra "O que as crianças sabem sobre a escrita?" diz que o paradigma *construtivista* deslocou a atenção do campo dos processos de ensino do professor. *Como fazer? Qual método?* Ao campo dos processos de aprendizagem do aluno preocupando-se com que forma a criança aprende? *Qual o caminho que percorre no processo de conceitualização da escrita?* E que essas mudanças na área da alfabetização se devem às novas teorias, em especial a Psicogênese da escrita.

No terceiro e último capítulo temos a descrição passo a passo da pesquisa de campo realizada na escola mostrando como ocorreu a abordagem durante a entrevista com cada docente e quais informações eram relevantes à minha pesquisa. E, no mesmo capítulo, se encontra a análise do *corpus* do trabalho de conclusão de curso, executado mediante os apoios teóricos já mencionados. Finalizando tecemos considerações finais em relação ao resultado obtido através da pesquisa de campo e entrevistas a respeito do tema em questão.

CAPÍTULO I - ALFABETIZAÇÃO E LEITURA

Alfabetização e leitura foi o tema escolhido por mim para o trabalho de conclusão de curso. Compreendemos a alfabetização como um instrumento utilizado para desenvolver no aluno a capacidade e habilidade de buscar um conhecimento de acordo com o contexto e com base em sua necessidade. Pois, não basta um indivíduo saber ler o que está escrito, ele deve compreender o texto e entender o contexto desse conteúdo. Mesmo considerando que é um tema que já foi bastante debatido, e frequentemente é abordado em palestras e encontros educacionais, sempre com o intuito de se trazer melhoria para o processo de alfabetização e leitura, sem dúvida que esse tema merece toda a atenção e preocupação por parte dos educadores a fim de melhorar a qualidade do aprendizado do aluno. Haja vista que, há uma estreita relação entre o domínio da escrita e da leitura e uma melhor condição social, pelo menos é isso que diz o mito social. Para tal efeito, devemos formar alunos competentes no âmbito da escrita e da leitura, e não meramente decodificadores de letras.

O que mais me chamou a atenção no tema, foi o fato de que apesar de tantos debates e discussões feitas a respeito do mesmo, houve pouca mudança real nessa área da educação. O que acabo de afirmar foi verificado de duas maneiras: primeiramente foi pela minha própria experiência em relação à minha alfabetização. No decorrer da minha vida escolar aprendi os mecanismos adequados para decodificar os códigos. No entanto, aprendi a ler verdadeiramente, quando ingressei na universidade, depois de muito esforço da minha parte e também da parte dos docentes, essa dificuldade em relação à leitura que não era exclusivamente minha, era também partilhada pelos colegas de sala. Essa experiência pessoal me fez ficar atenta em relação à aprendizagem de meus filhos. Foi quando percebi certa dificuldade na leitura do meu filho que estava em processo de alfabetização. Então procurei conversar com a professora dele, para saber o que estava acontecendo. Um pouco era preocupação de mãe em relação à educação de seu filho, era também preocupação de uma futura educadora, que talvez devido ao conhecimento obtido na universidade percebesse que algo não estava fluindo como deveria. E a professora relatou-me que meu filho não tinha nenhuma deficiência de aprendizagem, ele *lia muito bem* porém, como a maioria de seus colegas, disse ela, não entendia o que estava lendo.

Percebi então, que apesar de todas as discussões e novas propostas para se buscar uma solução a fim de sanar esse déficit do aluno no âmbito da leitura, mesmo assim ocorreu pouca mudança concreta na realidade da escola e no processo de alfabetização. Em comparação à época em fui alfabetizada e agora quando os meus filhos são alfabetizados, não posso dizer

que não houve mudanças no cotidiano da aprendizagem. Entretanto, elas são mínimas considerando o tanto de debate a respeito do tema, e o que é mais importante obtêm o mesmo resultado, de anos atrás. Ou seja, ainda não formamos alunos com capacidade de usar a linguagem escrita em toda a sua completude. O que acontece na verdade são tentativas de inovações, mas com pouco fundamento teórico, que então acabam morrendo na mesmice de uma aprendizagem baseada na repetição e fórmulas fixas. Isso acarreta uma aprendizagem descontextualizada e ineficaz para o aluno, que faz com que ele espere chegar à universidade, para que realmente possa aprender a ler e escrever. Mas o que acontece com aqueles que não têm a oportunidade de cursar uma faculdade? Continuarão apenas como meros decodificadores? Considerando a demanda de nossa realidade social, que requer a cada dia mais cidadãos competentes no domínio da linguagem escrita, se não houver uma mudança significativa na área da educação, essas pessoas sem oportunidade de cursar o nível superior continuarão desempenhando seu papel, que é de analfabeto funcional. Foram esses os principais motivos que me levaram a escolher esse tema e não outro. Espero que as pesquisas realizadas por mim venham a contribuir para amenizar ou elucidar o porquê dessa deficiência da maioria dos alunos.

Estas preocupações me levaram a buscar leituras que me auxiliassem a esclarecer as minhas dúvidas e inquietações a respeito do processo de alfabetização e leitura. Baseada nesses referenciais teóricos, pretendo, não somente sanar as minhas inquietudes, como espero trazer contribuições para que esse processo ocorra de uma forma mais eficaz. Desta forma, utilizo com referencial teórico Maria da Graça Azenha, José Juvêncio Barbosa e Emília Ferreiro e Cancionila Cardoso, pois a meu ver o trabalho desses estudiosos da educação tem muito a contribuir para que a análise do meu corpus flua de modo satisfatório.

CAPÍTULO II: RESENHA TEORICA

Azenha, em seu livro *Construtivismo De Piaget a Emilia Ferreiro* (1994), baseada nos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosk sobre a epistemologia genética de Piaget, faz uma explanação sobre a alfabetização inclusive sobre o método tradicional. Segundo a autora, associamos sempre o início da alfabetização de crianças com o desenvolvimento sensorio-motor delas. E isso ocorre quando percebemos na criança certa coordenação motora, ou facilidade em desenhar signos ou letras, então as consideramos prontas para o início do processo de alfabetização. No entanto, Azenha ressalta que desenhar letras não é nem de longe a única função de alfabetizar; se ensina a criança a desenhar e construir palavras, mas não se ensina a ela a linguagem escrita e sua organização.

A pesquisadora defende que as crianças têm grande capacidade de interpretar a linguagem escrita muito antes de estarem habilitadas a ler, e isso se deve ao contato delas com a língua escrita em seu dia a dia, com atos de leituras dirigidas a elas ou não. Em seu trabalho ela confirma, através de estudo dos dados coletados por Ferreiro que, as crianças têm conhecimento do que pode ou não pode ser lido e demonstra como fazer. A autora mostra que primeiramente consegue-se saber o que se lê nas letras, sem distinção entre letras e números. No segundo momento deve-se construir a distinção entre ambos: letras servem para ler e números para contar. Algumas crianças usam alguma estratégia para fazer essa distinção. Diante dessa constatação de Azenha e mediante as concepções construtivistas, constatamos que a criança já tem contato com a língua escrita, mesmo antes de ingressar na escola e isso não é considerado. A instituição escolar, então, deveria dar uma continuidade nesse processo de aprendizagem e não dificultá-la com textos e frases fora do contexto.

Segundo a autora, para uma aprendizagem adequada da linguagem escrita é preciso não destituí-la da função que esta exerce na sociedade, mesmo sob o pretexto de facilitar a aprendizagem, com ensino que dê sentido ao uso da escrita para a criança. Senão resta apenas o ensino de letras e palavras descontextualizadas de uso escolar, que fará o aluno pensar que o uso da escrita não tem relação com a vida social.

Com base em Azenha será possível observar como ocorre verdadeiramente o processo de alfabetização na escola pública. Se os professores da escola têm noção que a criança em processo de aquisição da língua escrita, tem um conhecimento já adquirido anterior à escola e se há preocupação por parte deles de que maneira está sendo realizado o trabalho de alfabetização.

José Juvêncio Barbosa, em *Alfabetização e Leitura* (1994), faz primeiramente uma retomada da história do ensino, ou seja, a evolução da alfabetização. Segundo o autor o marco inicial do modelo escolar como conhecemos hoje foi em 1789. Entretanto, somente na contra-reforma católica com a implantação da escola republicana é que se consolida o lema *escolarizar para alfabetizar*.

Barbosa (1994) relata que aquisição de escrita e leitura era dada em processos distintos de ensino, um de cada vez. Na escola republicana crianças são transformadas em alunos, e se aprende a ler escrevendo, em aprendizagem simultânea. Essa, para a época, foi uma transformação radical da aprendizagem e não foi aceita imediatamente por todos os mestres, que com o passar do tempo foram cedendo. Depois essa concepção se consolidou no tempo de tal maneira, que nem sequer nos permitimos pensar que exista uma forma de se dar o aprendizado.

Ele assevera que com a indústria e a urbanização crescente, havia a necessidade de um mínimo de instrução à população. Então conforme Barbosa, a educação passa a ser vista como forma de ascensão social e nasce assim o mito da alfabetização; e da mudança social ligados diretamente ao sucesso escolar, que predomina até na atualidade.

No Brasil essa necessidade de alfabetizar ocorreu também devido a mudança do meio de produção agrária para a indústria da mesma forma que em outros países industrializados, necessidade de mão-de-obra qualificada. O autor relata que isso gerou uma grande demanda escolar, e uma enorme oferta de vagas nas escolas geralmente improvisadas em barracões. Porém, a política de expansão limitou um tipo de atendimento para cada grupo social. Para os grupos de poder reivindicatório maiores, foi oferecido um grau maior de instrução. E para o outro grupo, uma escola básica, dos rudimentos da leitura, escrita e aritmética. Ele menciona as várias campanhas e programas desenvolvidos pelo ministério da Educação, para a alfabetização de adultos e adolescentes. No entanto alguns desses programas limitavam o seu trabalho ao ensino da técnica de assinar o nome.

Para Barbosa (1994), o conteúdo da alfabetização é a língua escrita e, espera-se que de posse do conhecimento da relação entre o oral e o escrito, o alfabetizando seja capaz de ler. O processo de alfabetização é considerado como o período de instrumentalização em relação ao princípio fundamental do sistema alfabético. De posse do domínio da técnica, o aprendiz aplica esse saber sobre a língua escrita, na prática de leitura.

Segundo o autor, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Culturas) alerta para um problema de regressão ao analfabetismo, por falta de uso da competência desenvolvida durante o processo da alfabetização. Essa preocupação se deve

ao fato da sociedade ter se tornado grafocêntrica, que requer um indivíduo capaz de utilizar-se da linguagem escrita com habilidade e competência.

Ele tece uma crítica em relação às metodologias tradicionais de alfabetização, dizendo que, existe a convicção de que as metodologias tradicionais alfabetizam. Essa convicção parece estar correta desde que se entenda por alfabetizado aquele que através do ensino ministrado, adquire o hábito de oralizar a língua escrita. Com essas metodologias o alfabetizado adquire o mecanismo rudimentar de leituras que lhe permite "falar" o texto. A alfabetização é acessível a todos conforme o relato do mesmo. Entretanto somente a minoria consegue superar as limitações das metodologias, enquanto que a maioria se torna apenas socialmente adequado.

O autor ressalta que uma nova proposta pedagógica para desenvolver a aprendizagem da leitura e produção escrita não nasce ao acaso, de um dia para o outro. Ela é sempre resultado de uma tentativa de ruptura com o já estabelecido e, ao mesmo tempo, a procura de uma continuidade, de uma ligação com o passado. As práticas pedagógicas evoluem em função de circunstâncias e necessidades sociais e econômicas de um país, que por sua vez provoca a criação de novas práticas culturais. As metodologias evoluem no decorrer do tempo, de acordo com as novas necessidades sociais e que exigem um novo tipo de pessoa letrada em função do avanço do conhecimento acumulado na área da leitura e produção escrita e de seus processos de aquisição.

Assim, Barbosa afirma (1994) que, tradicionalmente, a leitura e a escrita vêm sendo concebidas como aprendizagens escolares; ou seja, desvinculando a língua escrita da prática social. A escola age como se ela apresentasse o mundo da escrita para a criança, o que poderia ser verdade há dezenas de anos atrás, mas não condiz mais com nossa realidade atual. E continua a utilizar-se como recurso material impresso, que tem sua origem ligada aos silabários do século XIX, hoje conhecidos como cartilhas. As cartilhas, apesar das divergências entre os autores, têm um ponto que as unifica: todas partem do pressuposto que, para aprender a ler, o aluno primeiramente, deve transformar o signo em signo oral, para depois chegar à compreensão. Elas trazem congelados os procedimentos metodológicos que o professor deve adotar em sala de aula. As cartilhas mesmo criticadas por estudiosos da alfabetização continuam a ser utilizadas por quase todos os professores nas escolas públicas.

O autor ressalta que a pedagogia se encontra de certa forma ligada, ainda hoje, a valores de sociedades tradicionais e autoritárias; que transparecem através de sistemas fechados, conceitos rígidos, modelos prontos e fórmulas acabadas. Estas se resumem, segundo ele, numa busca do método de ensino infalível, uma fórmula mágica, contendo

passos formais rígidos, uma receita pronta que permitisse ao mestre transmitir aos alunos os segredos da língua escrita.

Em virtude das novas necessidades da economia, proporcionadas pelos avanços tecnológicos, que ao mesmo tempo gera maiores oportunidades educacionais, questionam a escola sobre os rudimentos do ler e escrever. Haja vista que as funções sociais do uso da escrita se ampliam e requerem novos parâmetros para a formação do leitor, que passa a conviver com situações de leituras mais complexas e diversificadas. Barbosa, no decorrer de sua obra demonstra que o mundo mudou. Ler não é mais decodificar e o leitor não é mais o alfabetizado. As metodologias tradicionais possibilitam condições insuficientes, para a multiplicidade de situações que implicam a necessidade do uso da linguagem escrita.

O livro, *Alfabetização e Leitura*, traz em seu conteúdo dados importantes, que serão de muita valia para a análise do corpus desta pesquisa. A partir dele pude ter uma visão da maneira que ocorreu o início da alfabetização no Brasil. Esses dados históricos informados pelo autor serão de bastante relevância para a análise das informações coletados durante a pesquisa. As reflexões e críticas do autor possibilitaram-me ter uma noção, de onde e como surgiram certos problemas relacionados ao tema que irei discutir. O ponto de vista do autor me permitirá formular questionamentos e tecer reflexões a respeito da alfabetização com base nas informações coletados. Como por exemplo, em relação às metodologias usadas nas escolas, tentar entender se, está comprovado que estas não têm eficácia em formar leitores, por que persistem ainda em utilizá-las na escola?

Baseado em Barbosa (1994) pretendo discutir por que os professores fecham os olhos para a necessidade de inovar, e desmistificar essa falsa verdade, que para ser alfabetizado basta apenas saber escrever as letras e decodificá-las, tendo em vista que esse conceito vem arraigado por meio tempo no decorrer da história.

Cardoso (2008) em seu trabalho *O que as crianças sabem sobre as escrita?* realiza um estudo com alunos da escola pública mato-grossense, em relação à apropriação que estes fazem da língua escrita. Segundo a autora, trata-se de um tema complexo e bastante debatido, em várias instâncias sociais, tendo em vista que atualmente, ler e escrever com fluência e desenvoltura, é condição de sobrevivência, empregabilidade, inclusão social e cidadania. Ela ressalta que a inserção no mundo da escrita tem sido um desafio nem sempre bem sucedido, que são comprovados através dos testes da SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) ou PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos).

Segundo a autora, o atual estado de aprendizagem da língua materna, tem indicado que esse processo envolve dois conceitos bastante amplos, que são a alfabetização e letramento.

Esses dois conceitos têm aparecido sempre juntos, como se tivessem uma ligação entre si. A falta de esclarecimento a respeito da relação entre ambos os conceitos, gera por vezes usos inadequados, ou propostas de opção de um ou por outro termo, assim questiona a autora.

Para ela, as habilidades de codificação dos fonemas em grafema e de decodificação de grafemas em fonemas, assim como a habilidade motora, além da habilidade de ler e escrever segundo orientação convencional e a correta manipulação dos suportes de escrita, são práticas educativas relacionadas, desenvolvidas quando estamos no âmbito da alfabetização.

Por sua vez o letramento, conforme Cardoso (2008), o desenvolvimento de competências para o uso dessa tecnologia em práticas sociais. Esse processo implica o desenvolvimento a capacidade de ler e escrever diferentes gêneros de textos. Ao desenvolver essas habilidades relacionadas estamos no âmbito do letramento. Ela afirma que os conceitos acima citados são processos distintos, cada qual com sua especificidade, interdependente, entrelaçado e complexo.

A autora retoma a história mais recente da alfabetização, dizendo que os anos 1970-1980 trouxeram novas urgências sociais e políticas para essa área da educação. O que coincidiu com a reorganização democrática da sociedade, pois era o fim da ditadura. Isso incluía também os fazeres da escola, que vinham sendo muito criticados. No interior dessa crítica, a ensino da leitura e escrita passa a ser vista mais em seu aspecto político do que técnico. Dessa forma, o passado da alfabetização passa a ser denominado de *tradicional*, sempre acompanhado por críticas em relação aos métodos de alfabetização.

Segundo a visão da autora até os anos 80, estivemos alfabetizando, com textos artificiais veiculados nas cartilhas. Após os anos 80, passamos a letrar, gravitando em torno do que se passou a conhecer por letramento. A invenção do letramento acabou nos conduzindo para a desinvenção da alfabetização, entendida como a progressiva perda de especificidade do processo de alfabetização que está ocorrendo na escola brasileira nas últimas décadas.

Para Cardoso (2008), o paradigma *construtivista*, deslocou a atenção do campo dos processos de ensino do professor – *Como fazer? Qual método?* Para o campo dos processos de aprendizagem do aluno – *como a criança aprende? Qual o caminho que percorre no processo de conceitualização da escrita?* As mudanças na área da alfabetização se devem às novas teorias, em especial a Psicogênese da escrita, que apresenta a trajetória da criança em direção à compreensão do sistema, conduzindo a equívocas e falsas inferências, que explicam segundo a autora a *desinvenção da alfabetização*.

Segundo a autora, atualmente os alfabetizadores lidam com a problemática de que lhes são cobrados resultados urgentes, nos anos iniciais de escolarização. No entanto muitas crianças, apesar de freqüentar a escola por 4-5 anos apresentam um resultado bem inferior ao esperado. Partem do pressuposto de que um aluno com uma escolarização de quatro anos precisa apresentar habilidades de leitura e compreensão de diferentes e variados gêneros de texto, que nem sempre ocorre.

Ela relata a pesquisa realizada com alunos de 3ª e 4ª série, com o intuito de compreender o que realmente as crianças sabiam sobre a escrita. Ela os convidou que voltassem à escola em extra-turno, para conversarem sobre um texto que produziram anteriormente. Nestes momentos, realizou entrevistas individuais com as crianças, a fim de entender a questão a qual se propôs.

A pesquisadora, conforme relato, comprovou a capacidade de reflexão sobre a própria produção textual em crianças das 3ª e da 4ª série do ensino fundamental. Oferece desta forma, a professores e estudiosos, dados e argumentos que contribuem para a compreensão do processo de escrita dos aprendizes, contrapondo-se à prática escolar tradicional que se limita ao mecanismo de passar *a limpo*.

Cardoso traz questões importantes passíveis de serem utilizadas na análise do meu objeto de pesquisa principalmente no que tange a problemática da alfabetização e suas mudanças, porque assim como a dela, a minha pesquisa foi realizada em escola pública. O meu interesse está no surgimento do paradigma *construtivista*, como citado pela própria autora. Como fazer? Qual método? No campo de fazer docente. Para o campo dos processos de aprendizagem do aluno – como a criança aprende? Qual o caminho que percorre no processo de conceitualização da escrita? Estas são coisas que antes a escola não se perguntava. Conforme a autora até os anos 80 estivemos alfabetizando com textos artificiais contidos nas cartilhas. No entanto, mediante os dados obtidos em minha pesquisa, nós não estivemos alfabetizando utilizando os textos descontextualizados das cartilhas e sim continuamos a alfabetizar dessa maneira, pelo menos foi o que pudemos observar na escola utilizada para coletar os dados do *corpus* deste trabalho, continuam alfabetizando usando apenas o livro didático. Claro que essas afirmações não se remetem a todos os professores, mas a maioria deles mesmo quando alguns afirmam que não utilizam apenas o livro como apoio. Ao observar o trabalho destes professores, percebemos que eles administram suas aulas apenas pautadas pelo livro didático, o fato deles não assumir isso é por que não querem estar vinculado com tradicional. E essas são algumas das questões que quero verificar em minha análise no decorrer do meu trabalho.

CAPÍTULO III: A PESQUISA E ANÁLISE

3.1- A PESQUISA

A pesquisa foi realizada num Colégio da cidade de Pontes e Lacerda, no mês de maio do corrente ano. Foram coletados dados em quatro turmas de alfabetizandos, sendo duas da II fase do I ciclo (1ª série) e duas da III fase do I ciclo (2ª série) em forma de questionário para os professores, que a princípio seria feito em forma de entrevistas com as docentes. Foram elaboradas quatro perguntas para que elas respondessem. Com isso se esperava obter uma pequena amostragem com a finalidade de compreender como ocorre o processo de alfabetização em escola pública. No entanto as professoras se mostraram receosas em atender, alegaram que estavam sem tempo para responder minhas perguntas e que preferiam levar para respondê-las em casa. Vale a pena ressaltar que as informações as quais eram realmente importantes para o meu trabalho, foram obtidas através de conversas informais com as docentes, tendo em vista a resistência destas a princípio em fornecer as informações, talvez com receio de ter o seu trabalho criticado. Essa resistência foi quebrada com conversas informais com as mesmas, tendo vista que me interessava informações reais que só poderiam ser conseguidas na espontaneidade de um diálogo. As perguntas também foram muito importantes para a minha pesquisa, pois através delas pude ter uma idéia de como cada professor desempenhava seu trabalho em sala de aula. As perguntas feitas foram as seguintes:

- 1- Que metodologia usa para alfabetizar?
- 2- Que material geralmente utiliza em sala de aula como apoio?
- 3- Usa o livro didático (cartilha) em suas aulas?
- 4- Acha o método que utiliza eficiente para alfabetizar?

Em conversa com a professora A, da II fase do I ciclo (1ª série), esta me disse que não tem metodologia certa ou única que, no entanto procurava fugir do tradicional, e prefere explorar o ensino com ludicidade, pois assim o aluno aprende mais. Essa professora permitiu-me assistir uma de suas aulas, para que eu pudesse compreender melhor a forma que está desenvolvendo seu trabalho.

Como forma de estratégia, não avisei o dia que iria assistir à aula, com o intuito de ver uma situação real em sala de aula, e não algo preparado para convencer. Fui assistir à aula sem que ela esperasse pela minha presença. Ela começou a aula fazendo a correção da tarefa do dia anterior. Em seguida ela pediu aos alunos que lessem um texto do livro didático e respondessem as atividades propostas.

Notei que apesar de utilizar o livro didático ela não se prendia somente a ele, buscava diversificar os conteúdos trabalhados, sempre procurava uma atividade lúdica relacionada à atividade de ensino aprendizagem. Observei que ela buscava contextualizar esse conteúdo com a realidade dos alunos, disse que dessa forma, trazendo para o dia a dia deles, não esqueciam o que aprenderam, por que terão com que o relacionar o que aprenderam. A docente realmente não tinha uma metodologia definida como havia dito em resposta aos questionários, sendo também verídico que buscava o lúdico na aprendizagem. Entretanto em um determinado momento da aula observei um conflito, entre a busca pela inovação no processo de ensino-aprendizagem e o método tradicionalista, isso ocorreu ao utilizar a técnica de memorização em um determinado conteúdo. Questionei-a de que forma trabalhava a leitura, e ela disse que sempre procurava contextualizar a leitura, de maneira a fazer sentido aos alunos. Ela então me mostrou um trabalho de leitura realizado em sala de aula. A professora trabalhou o texto com os alunos texto, "*A casa sonolenta*," de Andrey Wood. Primeiramente ela contou a história para as crianças, e no segundo momento trouxe fotos relacionadas com a história tiradas da internet, em forma de slides e apresentou para eles. Depois ela escreveu a história dividindo por frases ou acontecimentos em pedaços de cartolinas, e deu um a cada aluno. Os alunos deveriam colar um desenho que correspondesse à frase que estava escrita na cartolina, todos os alunos tiveram participação nesse processo de colagem dos desenhos. Feito isso as crianças contextualizaram a história em forma de desenho e, por último, elas escreveram um texto contando a história usando a escrita, alguns escreveram outros se utilizaram de desenho para contar a história. Foi uma maneira bastante interativa de se trabalhar um texto. O que foi possível observar no trabalho dessa profissional da área da educação é que existe uma consciência da necessidade de uma mudança em relação à metodologia e que há uma tentativa de inovação.

A professora B, da mesma fase da anterior, em resposta ao questionário, disse que não segue uma linha metodológica específica, prefere variar, pois ela acha que uma única metodologia não dá conta da diversidade da escola, devido à constante mudança que ocorre no ensino. Segundo ela há na escola uma diversidade de alunos, e uma única metodologia

não seria eficaz com todos eles. Respondeu que não usa cartilhas; e sim livros didáticos, revistas, multimídias e outros. Em conversa paralela esta enfatizou ainda, que tem aluno que só aprende com o método tradicional. Segundo seu relato, ela procura uma metodologia adequada para cada aluno, conforme a sua necessidade inclusive o tradicional.

A professora C, da III fase do I ciclo (2ª série), respondeu ao questionário de forma bastante objetiva, não fez nenhuma explanação sobre detalhes de seu trabalho. Disse que sempre iniciava o trabalho de alfabetização com o reconhecimento das letras e sua família, ou seja, silabação. Em um rápido diálogo com a docente, esta me relatou que sem o aluno conhecer o BA-BE-BI-BO-BU, ele não aprende a ler. E segundo a mesma, *com esse passo a passo* ela garante que a criança vai aprender a ler.

A professora D da III fase do I ciclo mencionou em suas respostas, que faz uma mistura de metodologia, não tem um método específico a qual se atenha. Na verdade ela afirma realizar uma espécie de experiência de metodologia em sala de aula, para saber qual seria a ideal. Conforme o relato dela se uma não funcionar, ela tenta outra e assim consecutivamente. A docente explica que numa mesma sala de aula utiliza metodologias diferentes, conforme a necessidade específica de cada aluno. E por esse motivo ela diz que não trabalha com uma única metodologia específica.

O que foi possível observar mediante as respostas da maiorias das professoras que não há muito empenho na aprendizagem, e sim bastante preocupação somente no ensino dos instrumentos para decodificação. No relato da docente C, que diz ensinando o BA-BE-BI-BO-BU, os alunos aprendem a ler; percebemos claramente que ela esta se referindo à mera decodificação de sinais e não a aquisição da linguagem escrita em si, conforme discutido por Azenha, quando afirma, *Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal* (Vygotsky, L. S. A pré-história da linguagem, apud: Azenha, 1994 p.94).

Durante a coleta de dados, mesmo as professoras afirmando que não tinham metodologias definidas, percebemos que algumas utilizavam o método tradicional de educação. Exceto uma delas que procurava inovar em sua metodologia executando assim um trabalho diferenciado de suas colegas de trabalho. No entanto era perceptível o conflito entre a inovação e o tradicional.

Segundo Barbosa (1994 p44):

Uma nova proposta pedagógica para desenvolver a aprendizagem da leitura e produção escrita não nasce do nada, de um dia para o outro. Ela é sempre resultado de uma tentativa de ruptura com o já estabelecido e, ao tempo, a procura de uma continuidade, de uma ligação com o passado

O que é bastante preocupante, conforme as informações colhidas durante a pesquisa, em relação ao processo de alfabetização, é que esta nova proposta não é trabalhada e nem vista como deveria ser. Ela é um instrumento utilizado para desenvolver no aluno a capacidade e habilidade de buscar um conhecimento de acordo com o contexto de sua necessidade, pois, não basta um indivíduo saber ler o que está escrito, ele deve compreender o texto e entender o contexto desse conteúdo. E não foi isso que notamos nas respostas das professoras durante a pesquisa. O trabalho de alfabetizar não está sendo realizado nesse sentido, ou seja, com esse intuito.

Para Cardoso (2003, p.16) a alfabetização é definida dessa maneira:

Alfabetização trata-se do desenvolvimento desde as habilidades de codificação dos fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas; habilidades motoras de manipulação dos instrumentos de escrita; habilidades de ler e escrever segundo orientação convencional; habilidades de uso disposição espacial do texto na página; habilidade de manipulação correta dos suportes de escrita.

É inegável que a sociedade exige cada vez mais indivíduos alfabetizados, e é isso que faz com que a escola aumente a oferta nesse sentido, para suprir a demanda social. Aumentando assim a quantidade de alfabetizados e diminuindo na qualidade dessa alfabetização. A esse respeito Ferreira (2003, p.16) afirma:

A alfabetização parece enfrentar-se com um dilema: ao estender o alcance dos serviços educativos, baixa-se a qualidade, e se consegue apenas um "mínimo de alfabetização". Isso é alcançar um nível "técnico rudimentar", apenas a possibilidade de decodificar textos breves e escrever algumas palavras (além de grafar quantidades e talvez as operações elementares), porém sem atingir a língua escrita como tal.

Baseada nas teorias lidas percebemos que falta empenho por parte desses profissionais em relação à aquisição da língua escrita ou talvez tenham receio em aplicar algo novo. E assim limitam o seu trabalho em apenas transmitir o ensino dos mecanismos decodificadores.

3.2-ANÁLISE

Vamos observar algumas fotos, do trabalho de leitura realizado em sala pela professora A, da II fase do I ciclo (1ª série). Como mencionou em seus relatos, ela não tem metodologia única, e prefere explorar o ensino com alegria fugindo assim do tradicionalismo. Isso segundo relato da docente. No trabalho de leitura, ela utilizou o texto, *A casa sonolenta*, de Andrey Wood, do qual as fotos mostram os passos executados pela educadora ao trabalhar o texto em sala de aula. Lembrando que ela levou alguns dias para concluir essa atividade escolar e iniciou da forma que relato a seguir. Primeiramente ela leu a história para as crianças, o que é muito importante para esse processo de aprendizagem. Assistir a uma pessoa lendo é fonte para assimilar essa informação da qual elas já tem conhecimento, de como a língua se organiza quando oralizada em forma de leitura. Como diz Azenha (1994, p.92):

As crianças têm uma notável capacidade de interpretar a escrita e a leitura mesmo antes de estarem habilitadas a ler. A leitura de contos clássicos da leitura infantil, feita pelos pais ou professores, pode ser uma belíssima situação para aprendizagem destas características. Ouvir histórias a partir da leitura de livros escritos, acompanhados de desenhos, é um conteúdo insubstituível que oferece ricas oportunidades de interação com as características da linguagem escrita.

A CASA SONOLENTA



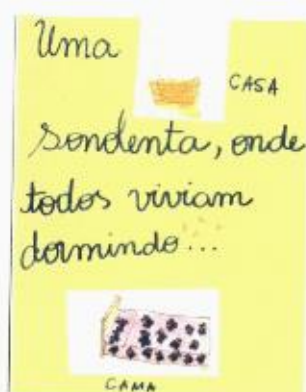
1º passo

Na sequência a docente apresentou aos alunos algumas fotos relacionadas com a história, em forma de slides, com intuito de ajudar na elaboração de sentido e interpretação do texto, pois as imagens ajudam a desenvolver o imaginário infantil e auxiliam na interação texto e leitor oportunizando a inferência na leitura.

Conforme Azenha (1994, p.52):

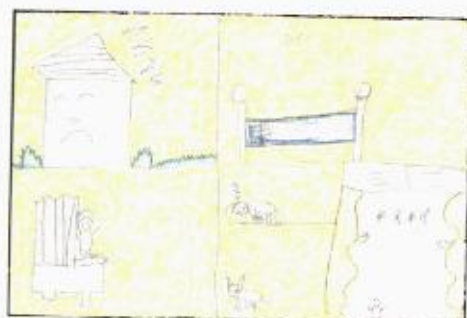
Nos dados coletados por Ferreiro, não existem evidência de que a criança utilize apenas a imagem para a leitura, ainda que indique a ambos como necessário para ler. Neste caso, a criança sabe que se lê nas letras, mas não abre mão da imagem para inferir o significado do texto, utilizando ambos como universos complementares.

Prosseguindo com o seu trabalho a professora escreveu a história, em pequenos fragmentos, e deu um a cada aluno. Os alunos deveriam relacionar a escrita com um desenho correspondente à frase da cartolina. Depois de terminada essa fase, as crianças tinham que desenhar a história, ou então um personagem do texto.



2º passo

E, por último, ela pediu que eles escrevessem um texto contando a história. O interessante é que, alguns escreveram usando a escrita e outros, preferiram desenhar para contar a história. O exercício proposto pela docente foi concluído e o mais importante nesse processo, é que possibilitou que todos produzissem cada um ao seu nível. Neste caso foi permitido ler, mesmo que ainda não saibam ler e que produziram um texto mesmo sem saber escrever, ou pelo menos, não dentro das convenções sociais da escrita.



3º passo

A primeira foto conta a história usando somente desenhos, e a segunda foto utiliza tanto a escrita como as imagens para contar o texto. A segunda foto se utilizou de uma escrita bastante oral, referiu-se ao gato como “*xaninho*” e o cachorro como “*totó*”. O aluno está produzindo à sua maneira, dando continuidade ao processo de aprendizagem que ele iniciou bem antes de ingressar na escola.

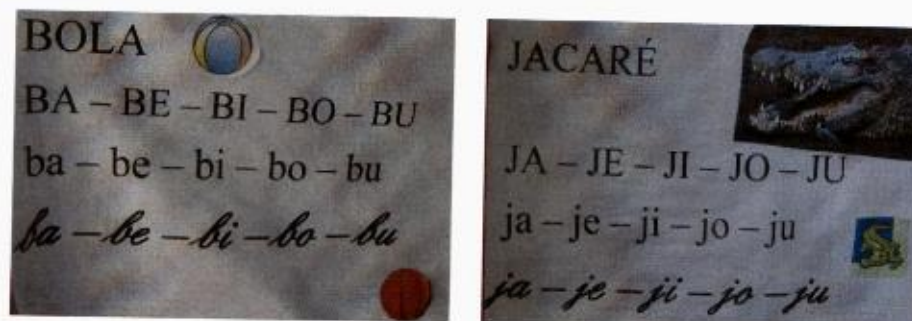
Entretanto a outra foto do trabalho da mesma professora mostra um texto retirado do livro didático, apresentado aos alunos do modo tradicional, conforme relato da própria, fizeram a leitura e depois responderam as perguntas que estavam no livro didático. Sabemos que esse tipo de conteúdo traz a linguagem de forma caricaturada, com frases que não se comunicam com ninguém, sem nenhuma função real de comunicação, portanto sem eficácia para a aprendizagem da língua escrita. Segundo a visão de Macedo (1994), isso seria uma forma não construtivista do ensino, uma maneira formalizante do conhecimento. Isto é, a utilização de conteúdos que correspondem a algo sem sentido que interessam apenas como exemplo ou de pretexto para a valorização da formação silábica, que são geralmente o ponto alvo dessas frases. Fica então aqui uma incógnita sobre essa questão: como garantir que os alunos sejam capazes de aprender a ler realmente, valendo-se de frases estereotipadas veiculadas nos livros didáticos? Conforme as teorias construtivistas seria muito mais eficaz iniciar a aprendizagem da escrita e da leitura, a partir do nome da criança ou nome de alguém próximo a ela, como também utilizar textos que tenham sentido ou um valor funcional na cultura, para que se crie um vínculo entre aprendiz e aprendizado. Mesmo por que os PCN's (1997, p.103) dizem que as práticas educativas para os primeiros anos de vida escolar devem garantir que os alunos sejam capazes de: *Compreender o sentido nas mensagens orais e escritas de que é destinatário direto ou indireto: saber atribuir significado, começando a identificar elementos possivelmente relevantes segundo os propósitos e intenções do autor.* Não há nada de errado em se trabalhar com os livros didáticos, desde que se busquem outros conteúdos que possam complementar e preencher a lacuna deixada por ele. Foi possível notar no trabalho dessa educadora, o conflito entre o novo e o tradicional, pois conforme a visão de Barbosa (1994) sabe que se uma nova proposta pedagógica não nasce do nada. Ela é sempre uma tentativa de ruptura e também a procura de continuidade com o tradicional.

começassem a aprender no momento que entram na instituição escolar e não antes disso. Então uma das coisas que os professores alfabetizadores poderiam fazer é, sem dúvida, entender e respeitar que o aluno traz consigo um conhecimento empírico, e aproveitar esse conhecimento para a melhoria dessa aprendizagem e não apenas o início de uma aprendizagem. Isso pode ser ofertado através de conteúdos que façam sentidos ao aluno, que tenham relação com sua realidade. Procedendo dessa maneira se acabará com a imagem de que leitura e escrita da escola são meros conteúdos escolares. Assim o aluno passará a ter outra visão sobre esta aquisição e entenderá que, o que lhe é ensinado na escola, poderá e deverá ser usado em seu dia a dia.

Em relação ao fato de a professora relatar que tem uma metodologia certa para cada aluno, por melhor que isso possa parecer me parece pouco provável pelo motivo de haver mais de trinta alunos em sua sala de aula. O que me chamou a atenção foi o fato de ela enfatizar que, alguns alunos só aprendem com o método tradicional. Fica implícito em sua fala, que o método tradicional é mais eficiente que os outros ou que ela acredita nisso, mesmo por que a mesma não tinha nenhum outro em especial. Barbosa (1994) discute: *“que a pedagogia se encontra de certa forma ligada, ainda hoje, por valores de sociedades tradicionais e autoritárias que transparecem através de sistemas fechados, conceitos rígidos, modelos prontos e fórmulas acabadas”*. Talvez esse vínculo invisível da pedagogia com o tradicionalismo, explique o motivo por que essa profissional da educação acredita que o método tradicional é mais eficaz que alguns outros, mesmo não dizendo diretamente isso, no entanto deixa à margem essa interpretação. Alguns acreditam numa fórmula ideal para transmissão de conhecimento, na qual as outras metodologias falham, a tradicional resolve com eficácia. Diria que seja eficiente para o ensino, mas insuficiente para a aprendizagem. Ou quem sabe seja mais fácil aplicar algo conhecido, um modelo já pronto, pois às vezes o medo de ousar nos mantém presos ao tradicional, mesmo que percebamos a necessidade de mudanças.

As próximas fotos são referentes ao trabalho da professora C. Como já relatado anteriormente, ela diz que mistura o silábico com outras metodologias que julga relevante para desempenhar um bom trabalho e obter um resultado satisfatório ao final do ano letivo. Mas como podemos notar o seu trabalho é basicamente pautado no método silabário, que teve sua origem no século XIX, então como vimos já está bem ultrapassada. Essa forma de apresentar as sílabas é muito utilizada nas cartilhas tradicionais de ensino, que mesmo sendo muito criticadas pelos estudiosos, continuam a ser utilizadas como recurso impresso por grande parte dos professores da educação pública. As cartilhas hoje conhecidas como livros

didáticos, continuam com os mesmo princípios, com frases sem sentidos, e que servem apenas como pretexto para praticar a formação silábica.



Como relatado por Barbosa (1994), apesar das divergências entre autores, eles tem um ponto em comum, todos tem como pressuposto que para o aluno aprender a ler, deve passar pelo processo de transformar o signo em oralidade, para num segundo momento chegar à compreensão. No entanto, os professores não percebem ou não se preocupam com o fato de que trabalhando dessa forma descontextualizada a aquisição da linguagem escrita, dificilmente o aluno obterá a compreensão real da linguagem, pois assim, ela está sendo desvinculada de suas funções. Macedo afirma: (1994, p.16) *não é espantoso, portanto, que na aprendizagem da leitura e escrita pela via não-construtivista, a cópia de frases, palavras ou letras, sem sentido para a criança, seja um dos instrumentos mais usados.* Ao utilizar tais conteúdos referidos, para o aprendiz a escrita e a leitura, não serão vistas como algo extra-escolar. Devemos lembrar que o processo de alfabetização é considerado como o período de aquisição de instrumentos necessários ao princípio fundamental do sistema alfabético, ou seja, os mecanismos necessários para o desenvolvimento da leitura. E que de posse do domínio da técnica, o aprendiz aplica esse saber sobre a língua escrita, na prática de leitura e outras atividades sociais possibilitada pela linguagem escrita. É importante aqui ressaltar que, se nesse período de instrumentalização, a aprendizagem da língua escrita não fizer sentido ao aluno, sem ter nenhuma ligação com a realidade em que vive ele não terá sentido para aprender, por que a linguagem é desmembrada de sua prática social ficará reduzida a conteúdo escolar sem contextualização funcional como já discutido também por Macedo.

O ponto de vista de Azenha (1994, p.44) a esse respeito é:

Para que se construa uma representação adequada da linguagem que se escreve é preciso não destitui-la das funções que ela exerce na sociedade. Sob o pretexto de simplificar e facilitar a aprendizagem, apaga-se da escrita todo o seu contexto

funcional. O que resta depois disso é apenas o recurso de letras e palavras fora do contexto das funções de uso não escolar.

Somos sabedores de que a alfabetização é o processo de aquisição dos instrumentos decodificadores, porém ela não se limita a somente isso como a maioria dos professores imaginam, ou pelo menos não se deve trabalhar apenas com esse intuito. Considerando aquilo que os PCN's prevêem para o segundo ciclo, de que o aluno ao realizar a leitura, não se limite a decodificação, que saiba utilizar os mecanismos adequados para compreensão do texto, tais como a antecipação e a inferência, como também saber utilizá-la para estudar, revisar e escrever. Como é possível um aluno atingir os objetivos dos PCN's acima citados através da escrita, com o conteúdo a ele proporcionado, se a escola a transformou em objeto exclusivamente escolar.

Retornando às fotos dispostas na parede da sala de aula pela professora, percebemos que ela faz isso como uma estratégia para a memorização das sílabas pelos alunos e com intenção de ajudá-las nesse processo. Pois, dessa forma a todo o momento, eles estariam em contato visual com as sílabas. Sabemos que essa maneira de apresentar as sílabas aos alunos, não é eficiente nem mesmo para a memorização, muito menos para a aprendizagem. Seria bem mais interessante e produtivo que a docente associasse isso com alguma atividade, de preferência lúdica, que fizesse produzir significado para eles.

Assevera Ferreira (2003, p.22):

Por mais que se repita nas declarações dos métodos, manuais ou programas, que a criança aprende em função de sua atividade, e que se tem que estimular o raciocínio e a criatividade, as práticas de introdução à língua escrita desmentem sistematicamente tais declarações. O ensino neste domínio continua apegado às práticas mais envelhecidas da escola tradicional, aquelas que supõem que só se aprende algo através de repetições, da memorização, da cópia reiterada de modelos, da mecanização.

O fato que a referida docente não consegue compreender em relação à sua prática pedagógica é que, qualquer pessoa, não somente a criança memoriza com mais eficácia se relacionar o objeto de aprendizagem com algo exterior, relevante e lógica ao aprendiz. Pois dessa forma se ativa a memória mediada, Vygotsky apud Nozakazi (2008 p.79), ou seja, relacionar o aprendido com algo que faça sentido a ela, assim o aprendizado será mais eficaz.

Além do mais, aqueles que buscaram memorizar por meio de auxiliares o fizeram com base em uma relação lógica, o que lhes permitiu a memorização efetiva. Portanto, para que a memorização ocorra, é fundamental que haja elementos significativos, porém, também é necessário que haja uma relação lógica.

O uso da memória tem muita importância nas atividades escolares, principalmente no processo de aprendizagem, o que não pode acontecer é retornar ao processo pedagógico baseado na técnica de memorização. A intenção da docente na memorização das sílabas se deve ao fato de dizer que sempre inicia o trabalho de alfabetização com o reconhecimento das letras e sua família, então eles devem memorizá-las. Relatou-me que, sem eles conhecerem as sílabas e suas respectivas famílias, os alunos não aprendem a ler. E que segundo ela, procedendo dessa forma eles aprendem a ler com muita facilidade até o fim do ano letivo. Percebemos que a leitura a qual a professora se refere não é aquela que permite o aluno interpretar, fazer inferências, enfim uma leitura proficiente, mas sim à aquisição de um código

Segundo a visão de Macedo (1994, p.17):

Para o não construtivista a criança só saberá escrever no final do ano, quando tiver repetido o processo de alfabetização (ou dominado paradigmas); para o construtivista a criança já sabe escrever desde o primeiro dia de aula, ainda que este seu saber venha a conhecer muitos aperfeiçoamentos (no processo de necessária tematização), de modo a se tornar mais legível e publicável para seu autor ou para um outro.

Sem mencionar que o de modo pelo qual é apresentada a linguagem escrita na escola é ineficiente ao aluno, por que ter acesso à leitura dessa forma aprendendo a ler uma sílaba após a outra, lhe dará ele terá a noção de que ao efetuar uma leitura, será preciso ler encadeando as sílabas da mesma maneira de como aprendeu, sem ritmo, e nenhuma entonação, de forma totalmente artificial. Um equívoco dessa magnitude não ocorreria numa concepção construtivista, em razão de que o aprendiz teria acesso à aprendizagem da escrita com algum texto ou conteúdo de contexto real de uso.

Em relação à professora D, não disponho de nenhum material fotográfico, por que das quatro professoras entrevistadas, ela é a única que não tinha nenhum material exposto na parede. Então, assim como a professora B, o material que disponho em mãos para análise de seu trabalho é o questionário, e uma rápida conversa com ela. Uma vez que a docente foi bastante objetiva em suas respostas, juntamente com as informações obtidas nessa conversa, podemos tentar entender de que maneira essa profissional executa o seu trabalho no dia a dia.

Apesar da professora não se declarar tradicionalista, ela foi categórica, em dizer que não tem uma metodologia específica e sempre começa o trabalho de alfabetização, pelo ensino do alfabeto. Os alunos têm que conhecê-lo, *tem que saber para aprender a ler*, conforme a docente. Ela disse que não usa cartilha, e sim o livro didático, não mencionando nenhum outro material que use como apoio para complementação das atividades do livro.

Segundo a mesma, os livros didáticos, hoje em dia são muito bons de trabalhar por serem atualizados.

Conforme Cagliari (2008, p.31)

Apesar de todas as interferências recentes no processo de alfabetização, a prática escolar mais comum em nossas escolas ainda se apóia na cartilha tradicional (a cada ano com nova roupa e maquiagem). Quando o professor diz que não adota a cartilha, fazendo ele próprio o que antes vinha nos livros didáticos.

Sabemos que nenhum livro didático concebe um espaço para a aprendizagem real da língua, mas baseiam-se em método de ensino da língua, a partir de um modelo pré – determinado conforme as expectativas do autor. As metodologias tradicionais não possibilitam condições suficientes, para a aprendizagem, por que elas são direcionadas em função do código e não em função do aspecto social da língua. Ferreiro (2003.p.75) *as propriedades dos objetos sociais só aparecem nas interações sociais*, o que não é proporcionado pelo livro didático e nem pelo professor como pôde ser verificado.

Das quatro profissionais entrevistadas, nenhuma admitiu que tivesse uma metodologia certa ou única, embora em algumas situações ficasse claro, que usam o método tradicional, mesmo sem admitir. Em uma ou outra ocasião percebemos o esforço para se inovar, mesmo que ainda não se tenha chegado a um resultado desejado, mas já é um começo, haja vista que o método tradicional está arraigado por muito tempo, por isso essa dificuldade em se desvincular-se dele. A metodologia é um mero instrumento da qual um professor se apropria para a realização de seu trabalho. Não há uma fórmula mágica para isso, é necessário buscar sempre a inovação, pensando nas peculiaridades de seus alunos. É preocupante um professor não buscar um apoio teórico, e se contenta em apenas ensinar, como no caso da professora D, nota-se a falta de um pouco mais empenho com seu trabalho, pois fala sem nenhum constrangimento que *criança aprende de qualquer jeito*, enfatizando sempre que se deve iniciar pelo reconhecimento do alfabeto.

A esse respeito Cagliari (2006, p.169) diz:

A maneira como a escola introduz os alunos à leitura, através do bê-a-bá, isto é através das famílias silábicas, pode acarretar problemas sérios para a formação do leitor. O reconhecimento de famílias silábicas, como o próprio reconhecimento das letras, faz parte da decifração e não é a leitura propriamente dita.

Foi perceber através da conversa obtida com a professora D, de que a mesma tem consciência sobre a qualidade do ensino que oferece aos seus alunos, sabe que eles estão apenas adquirindo os mecanismos decodificadores. No entanto ela parece não se preocupar

com essa questão, provavelmente esperando que o próximo professor faça o que ela deveria ter feito que seria mediar seus alunos na a aprendizagem da língua escrita. Sem ao menos tentar rever suas práticas pedagógicas de modo crítica, para quem sabe melhorar o seu trabalho. Sabemos o quanto é triste um professor que se deixa vencer pelo desânimo, que não buscam um aperfeiçoamento de seu trabalho. E para profissionais assim não existe nenhuma metodologia que o faça desempenhar um bom trabalho. Há consciência da valorização da educação básica, mas também existe a possibilidade de regredirmos à concepção mínima de rudimentos de decodificares, como relata Ferreiro (2003) e isso se deve a alguns profissionais como essa acima mencionada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa que tivemos como finalidade, entre outras, observar as metodologias utilizadas pelos professores no processo de alfabetização e como isso influencia na aquisição da linguagem escrita. Em especial, neste trabalho observamos o trabalho de quatro profissionais da educação, como já relatado anteriormente e nenhuma das docentes entrevistadas afirmou ter uma metodologia definida, como garantia de desempenhar um trabalho com resultado satisfatório. Essa confirmação obtida na pesquisa causou-me uma enorme surpresa, pelo fato que, antes de iniciar o trabalho de campo para a pesquisa, pensava que provavelmente senão todos, a maioria dos professores de alfabetização tivessem uma metodologia definida. Talvez tivesse esse pensamento, não por acreditar em uma metodologia ideal, capaz de sanar ou amenizar as deficiências do ensino, mas sim devido à importância do processo de alfabetização que se prolonga no decorrer da vida do aluno. E em minha concepção isso requer um enorme comprometimento por parte do professor, pois, é mediante o desenvolvimento do seu trabalho, que o aprendiz poderá ou não ter acesso ao mundo da escrita da forma como requer a sociedade moderna.

Após o término do processo de coleta de dado para o meu trabalho, pude constatar que a maioria dos professores de alfabetização, no afã de fugir do tradicional, opta por metodologias indefinidas. Provavelmente por receio de serem rotulados como tradicionalistas. Isto acarreta outro problema, visto que, acaba direcionando o seu trabalho por vários vieses ou podemos até arriscar em dizer por nenhum viés. O que torna esse processo num círculo vicioso, tendo em vista que, na ânsia pela fuga do tradicional e sem nenhuma teoria a seguir, retorna-se às alternativas mais burocráticas, mesmo que disfarçadamente. Ou seja, refugiam-se para algo por eles conhecido, e por ser mais cômodo, considerando que tais alternativas podem ser tanto administradas como também respondidas mecanicamente, não requerem maiores esforços por parte dos docentes em sua aplicação. Contudo a linguagem escrita é trabalhada como um objeto fixo e formal, sobre o qual o aprendiz não pode atuar ou interagir, que deve reproduzir tal qual, como rege as regras convencionais da escrita.

Em relação a isso Ferreira (2003, p.70) assevera que:

A escola (como instituição) transformou-se em guardiã desse objeto e exige da criança, no processo de aprendizagem, uma atitude contemplativa frente a este objeto. Na concepção tradicional de aprendizagem, não se apresenta a escrita como um objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto que é possível modificar para tratar de compreendê-lo, e sim como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente (sonorizado fielmente e copiado com igual fidelidade).

Ao finalizar este trabalho posso assim afirmar, que há necessidade de mudança, não somente no que tange a metodologia escolar, como também a visão da própria escola em relação à linguagem. Por que no que diz respeito à metodologia, ela é apenas um instrumento, do qual o professor se utiliza para a apresentação da língua escrita como objeto social no contexto escolar. Segundo afirmação de Ferreiro (2003, p.73) nenhuma das metodologias tradicionais adotados pelas escolas introduz a linguagem escrita como tal, pela razão destas serem formuladas em função dos códigos e não em função da língua como deveria.

Como uma sugestão de mudança para melhoria na aprendizagem escolar e a diminuição do fracasso escolar, estamos propondo aqui uma escola mais construtivista, mas o construtivismo não como um método, mesmo por que não é esse o caso. O construtivismo não propõe uma metodologia pronta e acabada, que se encaixe de modo perfeito no ensino, capaz de solucionar todas as defasagens escolares. Devemos considerar a hipótese de uma escola construtivista, como uma perspectiva de reformulação dos conceitos escolares, especialmente no que diz respeito à linguagem. Tendo em vista que essa teoria reconhece a criança como um sujeito cognoscente e não uma folha em branco, a qual o professor deve preencher com todo o conhecimento que lhe é possível transmitir. Na teoria em questão os fins são os próprios meios, ou seja, o conteúdo, a alfabetização é desencadeada por algo que tenha relação com o aprendiz, como por exemplo, o nome dele. Então o aluno não será mero espectador ou imitador da língua escrita, ela passará a interagir com a linguagem, por que terá significado para a sua aprendizagem, como também mudará o papel de professor, que mudará de transmissor de conhecimento para um educador mediador de aprendizagem.

É preocupante o fato do professor de alfabetização continue com esse paradigma de oferecer ao seu aluno somente os instrumentos decodificadores de signos, privando-o da aprendizagem verdadeira da leitura. É a leitura que possibilita a ele o acesso e compreensão a todo e qualquer tipo de texto considerando o contexto.

BIBLIOGRAFIA:

- AURÉLIO, dicionário. 6ª edição e atualizada Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba, 2005.
- AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro. São Paulo: editora Ática, 1994; 3ª edição.
- BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 1994. 2ª. Edição, ver. - (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor; v.16).
- BRASIL. PARÂMETROS Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Linguística. Ed. Scipione; 13ª Edição. São Paulo, 2006.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. O que as crianças sabem sobre a escrita. Cuiabá, MT: central de texto: Editora UFMT, 2008.
- FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. Tradução Maria Zilda da C. Lopes. 11ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.
- MACEDO, Lino de. Ensaio Construtivistas. São Paulo: casa do psicólogo, 1994.
- NOZAKI, Izumi. A criança e as condições básicas necessárias à alfabetização. In Revista da Faculdade de Educação. Universidade do Estado de Mato Grosso: multitemática. Coordenadora. Ilma F. Machado. Editora Unemat. Cáceres, 2008.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997
- PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. Tradução Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1984.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na Biblioteca. 5ª edição. Editora Papirus. Campinas- SP, 1995

ANEXOS:

1- Que método ^{segundo} usa para alfabetizar?

A metodologia usada em sala de aula (II Fase do I Ciclo - 1ª série) é interdisciplinar, ou seja com ligação de conceitos, com fundamentações teóricas de Piaget, Wallon, Paulo Freire, Vigotsky, Cereja e outros. - Uso sempre o lúdico para ensinar, assim o aluno aprende brincando e não sofre traumas futuros. (

2- Que material utiliza em sala de aula como apoio?

Revista Lúdas, clássicos infantis, Domínio da adição e subtração, quatro - cabeça, o que é o que é? - filmes, pequenos textos e outros materiais que sejam úteis para enriquecer as aulas como o uso do laboratório de informática e Dinascursos, sempre explorando a ludicidade da turma.

3- Usa o livro didático (cartilha) em suas aulas?

Sim. A Escola é nome de Maria Paganini Cavênia. O livro didático foi atualizado de acordo com o Acordo ortográfico.

4- Acha o método que utiliza eficiente para alfabetizar?

Sim. Pois está em constante atualização, buscando trazer para os educandos o aprender de uma forma cativante, progressiva.

II fase
(1ª série)

1- Que método ^{legis} usa para alfabetizar?

Não há uma linha, ou seja, um método único a seguir, pois as necessidades são diversas; há uma constante mudança.

2- Que material utiliza em sala de aula como apoio?

livros didáticos, paradidáticos, slides, multimídia, revista malvício de Souza - Revista Orquídea - Cercas hoje, quadros, giz etc

3- Usa o livro didático (cartilha) em suas aulas?

Não há cartilhas e sim os recursos como citados; existe vários tipos de leitura como (informativa, textual, receitas, etc)

4- Acha o método que utiliza eficiente para alfabetizar?

Será eficiente se houver no cotidiano uma auto-avaliação, com mudanças constantes. Uma busca sem fim.

1- Que método ^{usado} usa para alfabetizar?

A partir da alfabeta,

2- Que material utiliza em sala de aula como apoio?

alfabeto móvel

Revistas, recortes

Cartazes

3- Usa o livro didático (cartilha) em suas aulas?

As vezes, a partir do 3º ano
uso o livro didático

4- Acha o método que utiliza eficiente para alfabetizar?

Sim, dificilmente uma criança
se desvia de aprender.

1- Que método usa para alfabetizar?

Alfabeto de Tude um pouco.
ganha abandonou o que vou tem
certas por- pega aquele que este
em alfabeto alfabético, sem pale-
ver, Paulo e contou me algo mais
em contrário, Se não Paulo e voltou
de onde ele mais precisava de ajuda.

2- Que material utiliza em sala de aula como apoio?

Revistas, jornais, livros de literatura
infantil, os programas alunos, e quadro
de palavras dadas no dia.

3- Usa o livro didático (cartilha) em suas aulas?

com cartilhas. Não a liço para os
jovens, mas utilizo o livro didá-
tico como um apoio, já que não
é um livro muito bom.

4- Acha o método que utiliza eficiente para alfabetizar?

Sim. Por este meio, com o apoio
de livros, filmes, programas educativos
e outros.
Não tem o mesmo efeito, pois
meu filho que não, não a liço
no final do ano, os livros, cartões
deixou, abandonando e há de que não
foi o suficiente, não qualquer
oculto.